

SERTÃO ROSIANO: PERCEPÇÃO, COGNIÇÃO E AFETIVIDADE GEOGRÁFICA

*Livia de Oliveira**

RESUMO

O sertão rosiano pode ser estudado geograficamente mediante a percepção, a cognição e a afetividade. A percepção será aqui abordada através dos significados atribuídos ao Sertão, tais como: espaço/lugar, próximo/distante, movimento/pausa, intuição/sensação. Enquanto a cognição será tratada do ponto de vista do conhecimento: geografia/história, vereda/água, sertão/ambiência, representação/paisagem. Ao passo que a afetividade será em termos de realidade/imaginabilidade, vivência/existência, amor/ódio, atração/repulsa, beleza/ feiúra. Estas abordagens serão trabalhadas com filtros geográficos: localização, espacialidade, mapeamento, fluxos e outros.

Palavras-chave: Sertão rosiano; Percepção; Cognição; Afetividade; Geografia.

Sempre me interessei pelas obras de Guimarães Rosa pelo seu linguajar, sua sintaxe, sua temática e, por que não dizer, pela sua mineiridade, eivada de brasilidade. Quando do seu lançamento, na década de cinquenta, o livro *Grande sertão: veredas* foi um sucesso de crítica e de livraria. Todos foram unânimes em considerar que surgia a nova língua brasílica: eram vocábulos genuinamente brasileiros, eram frases escritas da maneira falada por brasileiros e eram estórias narradas que aconteciam em um sertão telúrico e mítico. Seria uma leitura, um retrato do Brasil brasileiro? Li, quase de um fôlego só, como se estivesse tomando um trago de caninha das boas. Depois, reli, trelí várias vezes para poder descobrir nos desvãos os detalhes e as filigranas, procurando percolar a transparência das águas límpidas e azuis das veredas, o verde escuro dos renques das palmeiras dos buritis e o castanho

* Universidade Estadual de São Paulo – Rio Claro.

avermelhado de seus frutos, e perscrutando a imensa vastidão quebrada pelos morrotes e serrotes, e pelos grotões do relevo do “vasto mundo” do sertão.

Quando iniciei meus estudos em Geografia e História, em nível universitário, voltei correndo a ler outra vez o **Grande sertão: veredas**. Lancei mão de minhas lentes geográficas para essa releitura. Aprofundei em minha visão espacial, senti, quase intuí, mais profundamente, o meu conhecimento, e por que não dizer, minha afetividade pelas formas de relevo, de tipos de vegetação, de variações climáticas, de riqueza dos usos e costumes das gentes, de fluxos de caminhos e estradas, viajando geograficamente, através de um Brasil, na época, ainda pouco conhecido, mesmo para a própria Geografia do meu saber, pelas terras e pelos grotões escondidos, perdidos, em um Brasil que apenas inferia ao preparar os textos escolares, nas provas e exames. É claro que minha curiosidade redobrou. Será que a geomorfologia exposta por Guimarães Rosa era real ou simplesmente mítica, inventada, produto da imaginação rica de um escritor, que há muito já vinha lidando com esse lado sertanejo das Gerais? Essa e outras indagações brotaram e me queimaram de vontade de pisar no sertão rosiano, de molhar as mãos e os pés nas águas tranqüilas das veredas e de mirar os buritizais, que desde longe já indicaram a presença de uma paisagem brasileira, tão típica e tão forte na geografia e na história de um Brasil Central, então, ainda pouco desvendado e estudado.

Discorrer, do ponto de vista da Geografia sobre o sertão rosiano é percorrer uma paisagem perceptiva, cognitiva e afetiva do Brasil.

PAISAGEM GEOGRÁFICA PERCEPTIVA

Esta leitura sobre a paisagem perceptiva do sertão rosiano é uma tarefa geográfica de há muito desejada por mim. Assim, vou tentar tecer os pontos propostos por Tuan sobre topofilia e topofobia (1980) em relação a espaço e lugar (1983), procurando entrelaçar o sertão e as veredas rosianas da perspectiva de uma geógrafa apaixonada pelos “causos” contados por Guimarães Rosa. Como não tenho pretensão de fazer uma análise crítica literária, nem resgatar algum aspecto despercebido nas entrelinhas do romance, ou mesmo repetir as palavras de Lima (1990), que em sua dissertação de mestrado tão clara e profundamente examinou a percepção geográfica da paisagem das Gerais, espero, pois, dar na verdade mais um testemunho geográfico. Espero estabelecer correspondências, alinhavando, costurando e recorrendo geograficamente esta obra monumental.

Para Riobaldo que é espaço, que é lugar? O espaço geográfico, aqui, é o sertão que se confunde perceptivamente com “Esses gerais são sem tamanho” “O Gerais corre em volta” apresenta-se, territorialmente, “que situado é por todos os cam-

pos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas demais do Urucuia.” Mais descritivamente se estende “onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com a casa de morador”. Mais, ainda, é refúgio “onde criminoso vive seu cristo-jesús, arredado do arrocho da autoridade”. Mas penetra mais fundo, tanto na imensidão dos ermos do Brasil Central, quanto aprofunda-se no íntimo das pessoas, pois “O sertão está em toda parte”¹ (p. 9), não apenas aqui, mas acolá, aquém e além destas Gerais. Confunde-se espaço e lugar, portanto “sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”, transcende a própria vida, transformando-se em um “viver é muito perigoso”. (p. 22)

A percepção geográfica do sertão e das veredas se manifesta pelos sentidos, tanto pelo olfato “cheiro dos campos com flores, forte em abril” (p. 23), como pela audição, “Daí deu um sutil trovão. Trovejou-se outro. As pajuras revoaram. Bateu o primeiro toró de chuva” (p. 224). Sente-se, é uma paisagem de medo, em relação a “estes gerais enormes, em ventos, danando em raios, e fúria, o armar do trovão, as feias onças. O sertão tem medo do tudo” (p. 237). Porém esta paisagem do sertão rosiano está prenhe do visual, é todo cor, de todos os matizes, ensinado, chamado atenção por Diadorim para “essas belezas sem dono” (p. 23). Os rios possuem cores diferentes: “o rio Carinhonha é preto, o Paracatú moreno”, mas “meu em belo é o Urucuia – paz das águas” (p. 24); que contém todas as cores e não tem nenhuma cor. Riobaldo expressa-se, assim “Então, eu vi as cores do mundo. Como no tempo em que tudo era falante, aí, sei. De manhã, o rio alto branco, de neblim” (p. 115). Mais adiante, surge, novamente “o barulhim do rio era de bicho em bicheira” (p. 109). Os meses são qualificados: “fevereiro é o mês midinho” (p. 238) como o dedo mínimo da mão. Ou, então, comparados com elementos do tempo meteorológico: “na Serra dos Confins, meados de julho, lá já está sovertendo o laço dos ventos, desencontrados, de agosto; como que venta: árvores caídas”. (p. 367)

As relações são estabelecidas diretamente com o espaço e o lugar com os astros, procurando orientações e direções geográficas e revelando movimentos: “aí eu podia medir, pelas estrelas que vão em movimento, descendo no rumo de seu poente, elas viravam”. (p. 158). Outras vezes é com carinho que se relaciona: “Estrela gosta de brilhar é por cima do chapadão”. (p. 351). Ou, então “só não acabamos sumidos dextraviados, por meio de regular das estrelas”, ou mais adiante “céu alto e o adiado da lua”. (p. 44)

No entanto, geografizar é preciso. São tantas as menções sobre a paisagem geográfica ambiental, com detalhes e eivados de minúcias. São animais enumerados, coloridos, adjetivados: “essas garças, enfileiradas, de toda brancura; o jaburu; o pato-verde, o pato-preto, topetudo; manequinhos dansantes; martim-pescador; mergu-

¹ Todas as citações serão de Rosa (1965).

lhão; e até urubus, com aquele triste preto que mancha... o passarim mais bonito e engraçadinho de rio-abaixo e de rio-acima: o que se chama manuelzinho-da-crôa” (p. 111). A natureza é um imbricado de vegetação, animais, formando um todo, um *continuum*, sem separações ou repartições e as gentes:

Em horas, andávamos pelos matos, vendo o fim do sol nas palmas dos tantos coqueiros macaúbas e caçando e cortando palmito e tirando mel da abelha-de-poucas-flores, que arma sua cera cor-de-rosa. Tinha a quantidade de pássaros felizes, pousados nas croas e nas ilhas. E até peixe do rio se pescou. (p. 115)

Mais adiante se refere ao isolamento e à solidão, revelando o ermo do sertão e do chapadão: “Daquele lugar, vazio de moradas e de terras lavradas, a gente ouvia o gugo de juriti como um chamado acabado, junto com lobo guará já dando gritos de penitência”. (p. 153)

Concordamos com Tuan (1983, p. 9-11) que a nossa experiência compreende diversos meios pelos quais conhecemos e construímos a realidade. Mais ainda, que as emoções que sentimos tingem de cores variadas a experiência humana, abrangendo os níveis mais altos, incluindo o pensamento e a razão. Perceber e pensar se confundem muitas vezes. Comumente, negligenciamos o valor desses sentidos. Os órgãos dos sentidos nos permitem discriminar nuances do sabor, do odor, do ver, do sentir, podendo atingir refinamentos extraordinários. Há uma íntima conexão entre o perceptivo e o cognitivo. Isto, pode-se perfeitamente detetar na obra rosiana.

PAISAGEM GEOGRÁFICA COGNITIVA

Quanto tempo demora para se conhecer um lugar, uma pessoa? Seria necessário um tempo suficiente para lançar raízes? O nômade conhece os seus lugares ou reconhece os seus marcos visuais, olfativos ou auditivos? Quais são os valores que atribuem às suas paisagens: as detalhadas ou as gerais? É a necessidade que leva a relacionar a passagem do tempo com a experiência com o espaço e com o lugar, enfim, com as paisagens geográficas. Este conhecimento é mesclado com a memória e com a imaginação e com o movimento, como expressa Riobaldo: “o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando”. (p. 20)

O que se deseja lembrar? O passado ou o futuro, ou então, o presente, como na fala de Riobaldo: “os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também. Só o poder do presente é que é furável? Não. Esse obedece igual – e é o que é” (p. 260). Como Tuan chama a atenção que “algumas pessoas se empenham em recordar o passado. Outras, ao contrário, procuram apagá-lo”. (1983, p. 208)

A mobilidade das pessoas, muitas vezes, é contínua, não permitindo ter tempo de criar raízes, porém os lugares significativos e pessoais não mudam com o passar dos anos. Riobaldo viveu sempre nessas paragens, do sertão para as veredas, de cá para lá, contudo a memória está sempre presente: “não gosto de me esquecer de coisa nenhuma. Esquecer, para mim, é quase igual a perder dinheiro” (p. 308). Continuamente, evoca a paisagem geográfica, tão conhecida. “Desci, de retorno, para a beira dos buritís, aonde o pano d’água. A claridadezinha das estrelas indicava a raso a lisura daquilo. Ali era bebedouro de veados e onças. Curvei, bebi, bebi” (p. 320). Ou, então “O sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado... O sertão é confusão em grande demasiado sossego...” (p. 343). A memória mescla com a vontade: “O sertão tudo não aceita?” ou com os sons: “Tudo, nesta vida, é muito cantável” (p. 368). Isto revela que a evocação de um sentimento pelos lugares e pelo passado, amiúde, é de propósito e conscientemente. É o querer lembrar ou relembrar.

O conhecer das Gerais e das veredas implica experiências íntimas, quer com pessoas quer com coisas e são difíceis de comunicar, de encontrar as palavras apropriadas, pois muitas vezes são evasivas, podendo, também, serem superpostas, mas não são impossíveis de se expressar. Essas experiências são evocadas mediante as imagens construídas no decorrer da vida (Tuan, 1983, p. 163-165). No entanto, Riobaldo descreve com detalhes, com palavras apropriadas, e expressa de maneira regional mas, atingindo o universal. Em sua boca, assim, é descrito: “o sertão está em toda parte... Esses gerais são sem tamanho. O *gerais* corre em volta. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões” (p. 9). Mais adiante afirma e não afirma: “sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo. Dia da lua. O luar que põe a noite inchada” (p. 121). Termina enumerando e localizando: “o sertão aceita todos os nomes: aqui é os Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga” (p. 370). Porém, antes, já situara “sertão é por os campos-gerais, a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia... Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador”. (p. 9)

Como contraponto da travessia do sertão surge a vereda. É o espaço aquático. O domínio das águas são os rios, os córregos, as fontes, as veredas, que desempenham um papel preponderante, pois onde falta água, o espaço tem qualquer coisa de incompleto. Estas proposições são do geógrafo francês Dardel (1952, p. 26-31), que possui uma visão holística do mundo. Riobaldo explica sobre as águas das Gerais:

água, águas. O senhor verá um ribeirão, que verte no Canabrava – o que verte no Taboca, que verte no Rio Preto, o primeiro Preto do Rio Paracatú – pois daquele é sal só, vige salgada grossa, azulada muito: boi não gosta, não traga, eh não. E tanta explicação dou, porque muito ribeirão e vereda, nos contornados por aí, redobra nome” (p. 58).

Define definitivamente: “*Rio* é só São Francisco, o rio Chico. O resto pequeno é *vereda* (p. 59). Mais adiante, Reinaldo chama atenção: “cheguei a encarar a água, o Rio das Velhas passando seu muito, um rio é sempre sem antiguidade” (p. 113). A permanência “que aquela água de vereda, sempre tinha permanecido ali, permeio às touças de sassafrás e os buritís dos ventos”... (p. 431)

Além das águas, das chuvas surge, quase como de repente, logo “adiante da gente, o mangueiral. Depois, o *raso*. Aí o Liso do Sussuarão – em fundo e largo, as cinqüentas léguas e as quase trinta léguas das mais” (p. 382). Descreve com detalhes o *Liso*, pois

o terreno aumentava de soltado. E as árvores iam se abaixando menorzinhas, arregaçavam saia no chão. De vir lá, só algum tatu, por mel e mangaba. Depois, se acabavam as mangabaranas e mangabeirinhas. Ali onde o campo larguêia... De longe vez, capins mortos; e uns tufos de seca planta – feito cabeleira sem cabeça. (p. 39)

Lembra a paisagem do Raso da Catarina, pois “a calamidade de quente! E o esbraseado, o estufo, a dor do calor em todos os corpos que a gente tem... nem menos sinal de sombra. Água não havia. Capim não havia... E nós estávamos perdidos. Nenhum poço não se achava” (p. 42). Assim, geograficamente, é o semi-árido presente de maneira indelével diante dos jagunços, desorientados, perdidos, sem poços, sem água, sem verde, só o castanho por todos os lados.

Por fim de, “vereda em vereda, como os buritís ensinam, a gente varava para após” (p. 46), atingindo planícies e fundos de vales e galgando chapadas e gro-tões. Ou, então “ao escutar o ventinho do chapadão, com suave rumor que assopra e faz, nas folhas do bate-caixa” (p. 363). Tudo isso pertence a uma paisagem geográfica, mais conhecida do que simplesmente percebida. E o que pensar sobre a afetividade desenvolvida naqueles todos os anos vividos intimamente com a natureza, animais, plantas e gentes?

PAISAGEM GEOGRÁFICA AFETIVA

Sobre a visão de mundo (natural e cultural) construída a partir deste contato íntimo, desta cultura vivenciada e dos valores atribuídos à natureza e aos homens, pode-se concordar com Tuan (1980, p. 4-5): “Atitude é primeiramente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo” enquanto, “A visão do mundo é a experiência conceitualizada”, e por fim, talvez o mais profundo e explicativo é que “Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal, a topofilia...” é o neologismo que reflete o âmago da alma atormentada de Riobaldo. Para completar o quadro,

falta colocar-se também o seu reverso, a “topofobia”, que aparece frequentemente em seus solilóquios, como aversão ao Liso do Sussuarão ou “no mato o medo da gente se sai ao inteiro, um medo propositado” (p. 18). Em relação ao mal, a topofobia se alonga, se adensa, com inúmeros epítetos:

de que o Tal não existe, pois não? O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, O Dubá-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-gracejos. Pois, não existe! E se não existe, como é que se pode contratar pacto com ele? (p. 33)

Esta luta afetiva e geográfica entre o Bem e o Mal percola todas as páginas, colorindo, às vezes, de luz, de alegria e outras vezes de sombra e tristeza. Instala-se a dúvida da existência de Deus, de sua bondade, de sua providência. São inúmeros exemplos: “Deus é paciência” (p. 16). “Deus é servido” (p. 214), é incerteza “se em aquele amor veio de Deus, como veio, então – o outro? ... Todo tormento” (p. 109). Em outras ocasiões surge um Senhor vingativo: “coisas imensas no mundo. O grande-sertão é a forte arma. Deus é gatilho?” (p. 260). Mistura o Bem e o Mal: “E outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro – dá gosto! A força dele, quando quer-moço! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza”. (p. 21)

O espaço geográfico afetivo não é apenas superfície, território; implica qualidades de profundidade, solidez, plasticidade que não são percebidas e conhecidas de início mas, sim, são respostas reais, intuitivas, simbólicas, telúricas. É o sentimento que envolve Riobaldo de mistério, de silêncio de seus medos e pavores: “no mato, o medo da gente se sai ao inteiro, um medo propositado” (p. 18). “Viver é perigoso... mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo” (p. 16). A inquietude revela os estados emocionais: “E eu tinha medo. Medo em alma” (p. 26); “amor vem de amor. Digo. Em Diadorim, penso também – mas Diadorim é a minha neblina...” (p. 22). A indecisão, o não saber corrói por dentro esse jagunço forte e valente: “Sei e não sei” (p. 56). “É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é...” (p. 12). E a constatação no finalmente, Diadorim: “Ela era. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia, como eu soluçei em meu desespero”. Mais adiante grita baixinho “Ela tinha amor em mim” (p. 454). Pois, tentando entender soluça dizendo: “a vida é muito discordada. Tem partes. Tem artes. Tem as neblinas de Siruiz. Tem as caras todas do Cão, e as vertentes do viver”. (p. 381)

Os espaços geográficos não são inventados porque são plantados em um “mundo mágico, mas numa Geografia Real” (Malard, 1993, p. 48). Mapeando o seu mundo à sua maneira, assim apresenta:

... os lados do lugar definir para o senhor? Só se a uso de papel, com grande debuxo. O senhor forme uma cruz, traceje. Que tenha os quatro braços, e a ponta de cada braço: cada uma é uma... Pois, na de cima, era donde a gente vinha, e a cava. A da banda da mão-direita nossa, isto é, do poente, era a Mata-Grande do Tamanduá-tão. A de baixo, o fim do varjaz – que era, um bruto, de repente, a parede da Serra do Tamanduá-tão, feia, com barrancos, escalavrados”. (p. 414)

Deste modo, chama atenção que tudo teve “primeiro, antes, teve o começo. E aí teve o antes-do-começo; que o que era – a gente vindo, vindo. E vindo bem” (p. 414), esclarecendo que “O Sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa” (p. 374). Sobre sua vivência diz: “Falo por palavras tortas. Conto minha vida, que não entendi” (p. 379), lembrando que “Tudo, nesta vida, é muito cantável”, pois “o Sertão tudo não aceita?”. (p. 368)

Não quero deixar de lembrar as colocações de Dardel (1952, p. 98-108), que reconhece uma Geografia heróica, uma nova maneira de compreender a realidade geográfica, engendrada pela tradição e pela vida em grupo, criando um mundo lendário habitado por heróis e prenhe de fábulas. Este espaço é fluido, difuso, é positivo/negativo, onde a morte não é senão um modo de existência, de emoções e afetividade. Esta concepção mágico-mítica não diferencia entre o Homem e o seu meio ambiente, pois o elemento dramático da lenda é feito de “amizade dada é amor”. (p. 121)

A paisagem *geográfica* é pessoal, e a *história* tribal é que a torna visível. Como tão clara, assim é expressada: “Digo: o real não está na saída, nem na chegada; ele se dispõe para a gente é no meio da travessia... Não tiro sombras dos buracos” (p. 52). Este anseio é manifestado pela busca por um lugar permanente, que traduza uma afeição profunda, tranqüila, estável, mas embebida em recordações, indelevelmente registrada na memória com palavras de saudade. Ao perder Diadorim, um amor quase impossível, Riobaldo se volta para Otacília, o seu lugar desde antes, desde sempre:

Porque eu, em tanto viver de tempo, tinha negado em mim aquele amor, e a amizade desde agora estava amarga falseada; e o amor e a pessoa dela, mesma, ela tinha me negado. Para que eu ia conseguir viver? Mas o amor de minha Otacília também se aumentava, aos berços primeiro, esboço de devagar. Era”. (p. 458)

À guisa de considerações finais, aqui deixo meu testemunho – de quem muito admira, respeita e venera – esta obra de Guimarães Rosa. Autor que não só recuperou a oralidade, mas principalmente descortinou um mundo geográfico colorido, vívido, sentido e amado. Autor que colocou no devido lugar o Rio São Francisco, o rio do Chico, com sua rede hidrográfica, com suas águas cantantes, azuis, límpidas, remansosas com seus afluentes e subafluentes. Autor que tornou o rio Urucua emblemático, mágico, fabuloso, lendário e ao mesmo tempo lógico, psicológico, filo-

sófico, concreto e irreal povoado de sonhos, imaginação e criatividade. Este é o Guimarães Rosa que li a primeira vez na década de cinquenta e, agora, tentei fazer uma nova leitura na década inicial deste século e milênio que se adentra. Não termino, não esgoto as comparações e ilações, apenas arranhei o monolito e garatujei algumas simples palavras de uma Geografia inesgotável e fecunda.

ABSTRACT

Guimarães Rosa's *sertão* (backlands) can be studied geographically by means of perception, cognition and affectivity. Perception is considered in this paper through the meanings attributed to the *sertão*, such as space/place, near/far, movement/pause, intuition/sensation. Cognition is approached from the viewpoint of knowledge: geography/history, *vereda*/water, *sertão*/ambiance, representation/landscape. Affectivity is studied in terms of reality/imagination, experience/existence, love/hate, attraction/aversion, beauty/ugliness. These approaches make use of geographic filters such as location, spaciousness, mapping, streams and others.

Keywords: Rosa's backlands; Perception; Cognition; Affectivity; Geography.

Referências bibliográficas

- ECO, Humberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DARDEL, Eric. *L'homme et la terre*. Paris: PUF, 1952.
- DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. (Org.). *Percepção ambiental, a experiência brasileira*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- GALVÃO, Walnice N. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- LIMA, Solange T. *A percepção geográfica da paisagem das gerais no Grande sertão: veredas*. 1990. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro.
- RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976.
- SCRIPTA, Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, n. 3, 1998.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 4. ed. São Paulo: J. Olympio, 1965.
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- TUAN, Yi-fu. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.
- TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.
- WANDERLEY, Vernaide; MENEZES, Eugênia. *Viagem ao sertão brasileiro*. Recife: CEPE-Funarpe, 1997.